



IV SISAMA

SIMPÓSIO DE SAÚDE E MEIO AMBIENTE

06 a 08 de NOVEMBRO

AVALIAÇÃO DA DOR SOCIAL E A DIMENSÃO TÉCNICO-OPERATIVA DO ASSISTENTE SOCIAL

Simpósio de Saúde e Meio Ambiente, 4ª edição, de 06/11/2023 a 08/11/2023

ISBN dos Anais: 978-65-5465-072-4

DOI: 10.54265/KIPB5734

CAMPOS; Vinicius de Souza Campos¹

RESUMO

Introdução

Parte-se do pressuposto de que a prática profissional do assistente social emerge das determinações sociohistóricas, estruturais e conjunturais da sociedade e frente as respostas a elas compreendidas consiste em uma totalidade de múltiplas dimensões que se relacionam e se determinam entre si. Estas dimensões, derivadas da diversidade que as caracteriza, trazem à tona múltiplas determinações, que se identificam como unidade de elementos diversos, que fornecem elementos para uma compreensão dos determinantes sociais envolvidos na vida do sujeito.

Segundo GUERRA (2000), é na realização da dimensão técnico-operativa da profissão que o assistente social legitima e constrói uma determinada cultura, um ethos profissional. Quando a Autora discute a Dimensão técnico-operativa do exercício profissional, ela argumenta que é através da dimensão técnico-operativa que o assistente social articula um conjunto de saberes, recriando-lhes, dando-lhes uma forma peculiar e constrói um “fazer” que é socialmente produzido e culturalmente compartilhado ao tempo em que os vários atos teleológicos dos profissionais resultam na criação/renovação de novos modos de ser desta cultura. É no desenvolvimento da dimensão técnico-operativa que o profissional constrói; reproduz códigos de orientação e um conjunto de valores e normas.

A dor social contempla os determinantes sociais envoltos nos aspectos biopsicossocial e espiritual do indivíduo e perpassa todas as relações. Neste processo de avaliação da dor social o assistente social é o profissional fundamental que, na sua prática realiza uma avaliação reconhecendo a dimensão social como chave para as relações humanas, pautando-se para análise da dor social nas ciências sociais e da saúde. Assim posto, se tem um diagnóstico de dor social, uma vez que a condição de sofrimento incapacita o ser de exercer sua sociabilidade, de forma branda ou grave, ou seja, de nutrir suas relações sociais, podendo haver o surgimento ou a agudização da dor social. A dor social pode também causar, a incapacidade e gerar dor física, afetando a vida social do ser, fazendo-o dependente e com probabilidade de acentuar as expressões da questão social.

Deste modo, o presente estudo objetiva dialogar com os aspectos da dor social em torno do sujeito e trazer elementos da dimensão técnico-operativa do assistente social para instrumentalizar sua avaliação. Logo, considerar a questão social como objeto de intervenção do profissional na perspectiva dos cuidados com o ser humano, a expressão desígnio de análise na dor total é a dor social.

¹ Hospital Municipal Dr. Fernando Mauro Pires da Rocha , viniciussouza.servicosocial@gmail.com

Metodologia

A investigação, com base na pesquisa documental de referencial bibliográfico, concentrou-se em dados obtidos por meio de conteúdos públicos de artigos científicos e demais literários das ciências humanas, sociais e da saúde. Buscaram-se a compreensão e a identificação do tema de cada documento disponível para o público seguindo a base referencial de análise da dialética marxista, associadas à pesquisa bibliográfica, com o uso de obras clássicas no âmbito dos cuidados paliativos e do serviço social para o tratamento científico da temática em foco.

Resultados e discussão

Para pensar em avaliação da dor social é importante considerar que o assistente social se pauta em estados e processos psicossociais, comportamentos do ser humano, interações com o ambiente físico e social, considerando a subjetividade e a abstração. A dor é uma experiência sensorial e emocional desagradável, associada a uma lesão efetiva, física, social ou potencial dos tecidos, ou descrita em termos de tal lesão. A dor é sempre subjetiva. Isto é, embora sua causa seja objetiva e até concreta, cada indivíduo irá senti-la de uma forma e uma intensidade diferente. Apesar de ser considerada ruim, a sensação de dor é fundamental para a sobrevivência humana. A sua percepção é uma experiência multidimensional, a experiência da dor varia tanto em qualidade quanto em intensidade sensorial, assim como em suas características afetivo-motivacionais e sociais.

A experiência de dor envolve fatores sociais, nas suas múltiplas vulnerabilidades, como exclusão social, violência, negligência, pobreza, preconceito, discriminação, fome, e as mais variadas expressões da questão social que adocece a pessoa, portanto, não incluir a avaliação social é compreender esta experiência de forma incompleta.

É importante destacar que a integralidade no cuidado não diz respeito somente à quantidade e à variedade de serviços disponíveis, mas também à ampliação e à consolidação de serviços de atenção continuada a um número ampliado de pessoas, garantindo, dessa forma, o direito à saúde. Partindo da premissa de que integralidade consta da Constituição Federal (BRASIL, 1988a) como um dos princípios da saúde, regulamentada e sistematizada pelo SUS, tal conceito não deveria ser tão distante da realidade dos atendidos.

Com estas considerações, procura-se situar a instrumentalidade do trabalho do assistente social na avaliação da dor social o que tem sido a entrevista nas diferentes situações um fator primordial. Deste modo, pode-se considerar:

- A entrevista de anamnese;
- A entrevista de acompanhamento;
- A entrevista de orientação.

Para as autoras FORTI, V. & GUERRA, Y (2018), Na obra “Na prática a teoria é outra?”, a entrevista social deve partir de um princípio do acolhimento, um acolhimento humanizado, e com um olhar nas multidimensões correlacionados na vida do sujeito. É preciso considerar seus fatores de renda, os acessos a bens e serviços que ele tem, o território de moradia e condições habitacionais, potencializar a leitura de família, proteção social e as políticas públicas. Isto é, para o assistente social realizar a avaliação da dor social é necessário olhar o sujeito como um todo.

Conforme as autoras VASCONCELOS & ANA MARI (1997), no estudo “Serviço Social e prática reflexiva”. A avaliação social, assim como o conceito de dor e sofrimento social ainda é um desafio na prática profissional e na práxis do cuidado parecendo que ainda falta tanto no exercício quanto na formação profissional a garantia da unidade das dimensões da profissão, assegurando a autonomia das mesmas sem, contudo, autonomizá-las, na perspectiva de manter, por meio de múltiplas mediações, a unidade do diverso.

Por isso se torna necessário ao profissional assistente social, durante a avaliação da dor social acionar uma racionalidade que permita desenvolver uma instrumentalidade inspirada na razão

dialética, que seja capaz de construir novas competências e legitimidades, que permita ao profissional dar novas respostas qualificadas em oposição as tradicionais respostas instrumentais, de maneira comprometida com valores de uma sociedade emancipada e com o bem estar coletivo.

Considerações finais

A pauta da avaliação da dor social e a dimensão técnica operativa do assistente social é uma discussão abrangente, desse modo, entende-se que a aviação da dor social está diretamente ligada a determinantes sociais, caracterizados por aspectos como o desemprego, a falta de moradia ou a moradia de difícil acesso, a ausência de recursos financeiros, o suporte familiar e/ou comunitário ausente(s) ou restrito(s). Esses aspectos, somados ao desenvolvimento de políticas sociais e de saúde não condizentes com as necessidades dos usuários brasileiros, podem surtir impactos negativos na condução do plano de cuidados e causando a dor e o sofrimento social. Nesse sentido, cabe ao assistente social diante da sua dimensão técnica-operativa atuar em direção à garantia de direitos conforme identificado por meio do estudo social e correlato, para uma clara avaliação da dor social, um diagnóstico preciso e a partir daí traçar estratégias de cuidado e viabilização de direitos e uma rede de proteção social.

À vista disso, para que o assistente social possa elaborar um projeto terapêutico e articular uma rede socioassistencial de cuidado cabe o entendimento sobre as políticas públicas, os serviços disponíveis na instituição e o contexto familiar no qual o sujeito está inserido como requisitos básicos para a atuação competente, a fim de que a população tenha efetivamente acesso aos seus direitos. Por consequência, os profissionais precisam estar atualizados em relação às estratégias de cuidado, assim como no trato com aqueles que são afetados de forma direta ou indireta que o indivíduo atendido.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

(artigo) AZEVEDO, C. et al. Interface entre apoio social, qualidade de vida e depressão em usuários elegíveis para Cuidados Paliativos. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 51, p. 1-8, 2017. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2016038003245>

(artigo) ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS (ANCP). Manual de Cuidados Paliativos. 2. ed. São Paulo: ANCP, 2012. (artigo) BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Direitos sociais da pessoa com câncer. 5. ed. Rio de Janeiro: Inca, 2019.

(livros) FORTI, V. e GUERRA, Y. Na prática a teoria é outra? IN: Forti e Guerra (Org.) Serviço Social: Temas, Textos e Contextos. Coletânea Nova de Serviço Social. Rio de Janeiro: Lumen Júris Editora, 2009.

(legislação) GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Projeto de Lei nº 2.421, de 2017, que cria o Programa Estadual de Cuidados Paliativos. Rio de Janeiro: Governo do Estado, 2017.

(livros) GUERRA, Y. Instrumentalidade do processo de trabalho e Serviço Social. Revista Serviço Social e Sociedade n. 62, São Paulo: Cortez, p. 5-34, 2000.

(livro) VASCONCELOS, Ana Maria. Serviço Social e prática reflexiva. Revista Em Pauta - Faculdade de Serviço Social da UERJ, n. 10, set. 1997.

PALAVRAS-CHAVE: Dor Social, Avaliação Social, Assistente Social, Dimensão Técnico-operativa